

## ELEIÇÕES

O PMDB encenou que não iria participar do festa de lançamento da pré-candidatura da ministra Dilma Rousseff, mas acabou cedendo, após apelo do próprio presidente Lula a Michel Temer

# Afagos depois das ameaças

DANIELA LIMA, FLÁVIA FOREQUE E DENISE ROTHENBURG

Brasília – Os peemedebistas ameaçaram, mas cederam. Ontem, no lançamento oficial da campanha da ministra Dilma Rousseff à Presidência da República, sentaram-se, lado a lado, ela e o presidente nacional do PMDB e da Câmara, o deputado Michel Temer (SP). Cotado para assumir a vaga de vice de Dilma, Temer havia sinalizado ao Palácio do Planalto que não apareceria no Congresso Nacional do PT. A encenação deixou a cúpula petista eriçada. E, para reverter o quadro, mobilizaram-se as maiores lideranças do Partido dos Trabalhadores, inclusive o presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

O PMDB usou a ameaça de ausência no congresso petista para pressionar o PT a abrir mais espaços para peemedebistas na montagem dos palanques estaduais. Em diversos estados, integrantes dos dois partidos disputam a cabeça de chapa dos governos locais (veja quadro). Para não deixar claro que a ameaça girava em torno de rusgas estaduais, o PMDB apegou-se ao fato de que, no programa de governo lançado pelos petistas na última sexta-feira, o nome do partido não foi citado especificamente no trecho que tratava das alianças partidárias. Com a deixa, o maior partido da coalizão petista se fez de melindrado.

Longe dos holofotes, fizeram uma visita a Dilma Rousseff no fim da noite da última sexta-feira. O encontro deveria servir como demonstração da "felicidade" do partido em fazer parte da base aliada do governo na campanha pela sucessão.

Mas ausência do PMDB no palanque montado ontem para Dilma deu contornos de crise ao lançamento da pré-campanha da ministra. Ciente do estrago que o boicote peemedebista ao evento poderia causar, os principais fiadores da aliança

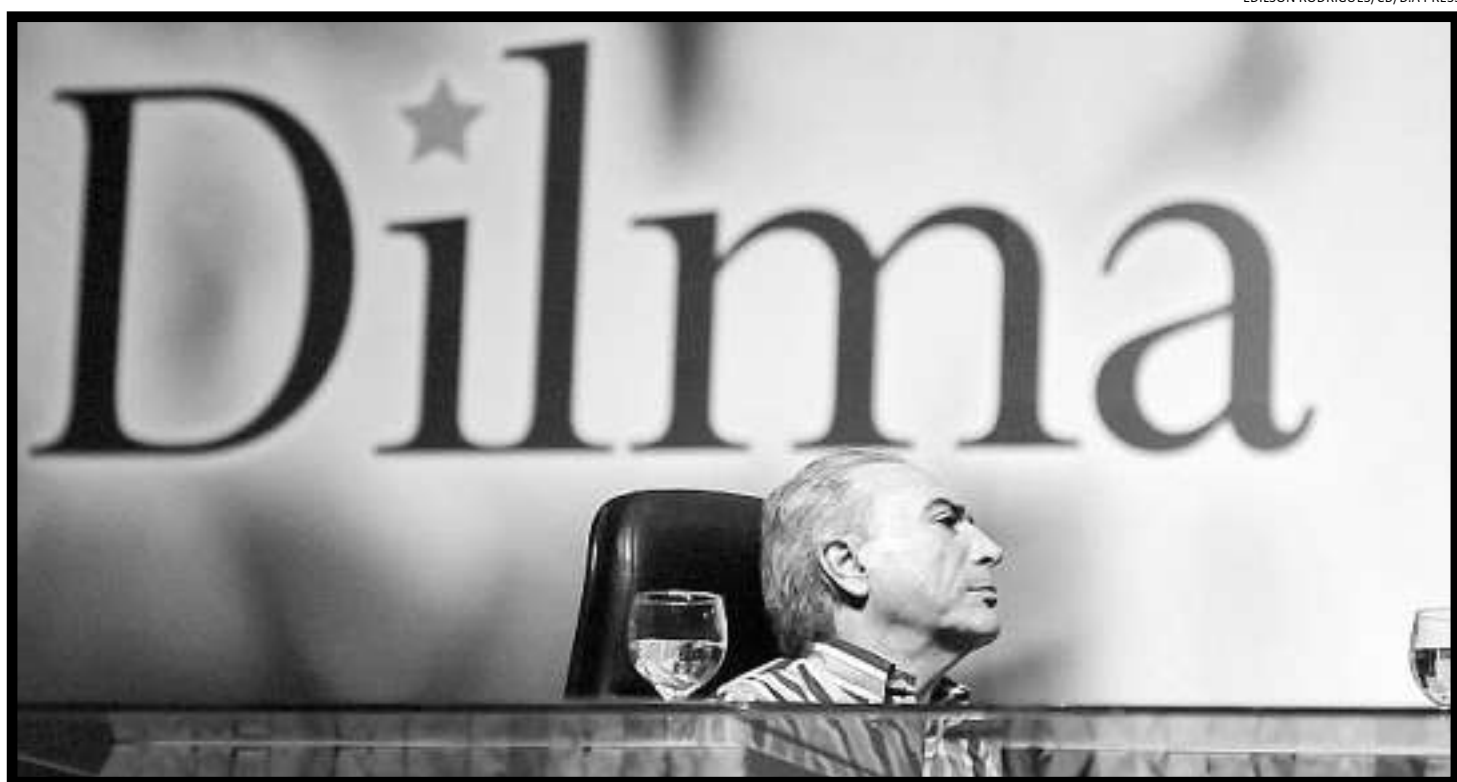
PT/PMDB entraram em campo para intermediar uma trégua.

O líder peemedebista na Câmara, Henrique Eduardo Alves (RN), e seu correligionário, o deputado Eduardo Cunha (RJ), voaram no fim da tarde de sexta-feira para Brasília. Reuniram-se com Michel Temer e o senador Romero Jucá (RR), líder do governo no Senado. Juntos, os caciques do partido foram ao Planalto. Encontraram-se com Dilma. Não ficaram satisfeitos. Temer recebeu um telefonema de Lula. O peso político do apelo do presidente fez o partido rever a questão.

Com o acerto da presença da cúpula do PMDB na festa, o PT passou a se preocupar em garantir o sucesso da investida. Afinal, de nada adiantaria levar os companheiros à coroação de Dilma, se esses fossem recebidos por uma salva de vaias. Os líderes do partido entraram em ação. Comunicaram delegados, que, por sua vez, alertaram a militância. Deu certo. Romero Jucá não foi recebido com palmas, mas, pelo menos, não foi vaiado.

**ESTRATÉGIA** Como o risco de magoar Michel Temer era maior, o PT usou uma estratégia infalível: blindou o presidente peemedebista. Ele subiu ao palanque ao lado de Dilma, do presidente Lula, da primeira-dama Marisa Letícia, e do vice-presidente, José Alencar. Ao lado da turma mais ilustre do PT, Temer foi recebido com aplausos calorosos e saudações amistosas.

E para garantir que Temer não se arrependeria de ter descumprido a ameaça, tanto o presidente Lula quanto a ministra Dilma foram só afagos ao maior partido da base aliada do PT. E esses afagos surtiram efeito. "O conteúdo dos discursos da ministra e do presidente foi muito bom, sólido. E o tratamento dado ao PMDB também", avaliou Temer, ao fim do evento.



Michel Temer subiu ao palanque junto de Lula, Dilma e Alencar. A estratégia fez com que fosse bem recebido pelos petistas no congresso

## ESTADOS PROBLEMÁTICOS

### ● MINAS GERAIS

A corrida pelo Palácio da Liberdade envolve nomes de peso da política mineira, tanto no PT quanto no PMDB. Para enrolar ainda mais o meio de campo, há a possibilidade, ainda que remota, de o vice-presidente da República, José Alencar, do PRB, entrar na briga pelo governo mineiro. No lado petista, dois nomes despontam: o do ministro de Desenvolvimento Social, Patrus Ananias, e o do ex-prefeito de Belo Horizonte Fernando Pimentel. Pelo PMDB, o ministro das Comunicações, Hélio Costa, sonha com a candidatura.

### ● BAHIA

A disputa na base aliada de Dilma Rousseff no estado fica entre o atual governador, Jaques Wagner, do PT, e o ministro da Integração Nacional, Geddel Vieira Lima, do PMDB. Vieira Lima rompeu a aliança com o

PT baiano, em julho de 2009. A expectativa de um acordo entre os dois políticos é pequena. O mais provável é que Dilma suba no palanque de ambos os candidatos.

### ● PARÁ

No Pará, a briga fica entre a governadora Ana Júlia Carepa, do PT, e o deputado federal Jader Barbalho, do PMDB. Os fiadores da coalizão PT/PMDB estão trabalhando para que Jader, que é presidente do PMDB local, desista da disputa pelo comando do Executivo estadual e se contente com uma cadeira no Senado. A relação entre Jader e Ana Júlia não é das mais amigáveis e está muito desgastada pela disputa regional.

### ● MATO GROSSO DO SUL

A base aliada se divide entre os nomes do atual governador, André Puccinelli (PMDB), e o ex-chefe do Executivo do estado, Zeca do

PT. Zeca já governou o estado por duas vezes e conta com o apoio da Executiva local. Chegou a dizer que a candidatura de Puccinelli não era um problema do PT, mas do PMDB.

### ● SÃO PAULO

No estado, o PT ainda está em compasso de espera. A indefinição se dá porque o PSDB, partido que protagonizará a oposição nas eleições presidenciais, ainda não anunciou quem sairá candidato à sucessão do atual governador, o tucano José Serra. Lula quer que o deputado federal Ciro Gomes seja o nome da base aliada petista no maior colégio eleitoral do país. Mas Ciro prefere concorrer à Presidência da República. Nesse cenário, em que Ciro não se renderia aos encantos de Lula, despontam os nomes do senador Aloizio Mercadante e o do prefeito de Osasco, Emídio de Souza.

## MARCOS COIMBRA

SOCIÓLOGO E CIENTISTA POLÍTICO  
MARCOS.COIMBRA@UAI.COM.BR



MARCOS MICHELIN/EM

## A Ilusão dos palanques

Volta à tona, neste início de ano político, uma noção que andou nos perseguido ao longo do ano passado. Nem bem terminou o Carnaval, o noticiário se concentra, de novo, na discussão dos "palanques" dos candidatos a presidente nas eleições deste ano.

Esse talvez seja um dos temas que mais separam os jornalistas dos profissionais de pesquisa na avaliação do processo eleitoral no Brasil. Entre os primeiros, muitos tendem a ficar como que galvanizados por eles. Não conseguem escrever uma linha sem os mencionar. Os segundos, de maneira geral, acham que não mudam nada nas eleições.

Supostamente, bons palanques se traduziriam em votos. Ou seja: quando um candidato a presidente tem muita gente no seu palanque, suas chances de vencer aumentariam. Como na frase: "Voto em fulano porque beltrano está em seu palanque".

Jornalistas costumam conversar com políticos, enquanto os pesquisadores são treinados para ouvir os eleitores. Talvez venha daí a diferença que há na percepção

de uns e outros sobre a relevância dos palanques. Quem ouve os políticos, os valoriza. Quem escuta o povo, o inverte.

Políticos defendem a importância dos palanques porque assim se tornam necessários. Não seriam eles, os maiores interessados, que diriam que seu impacto nas eleições é imperceptível. Seus amigos jornalistas, de tanto ouvi-los, acabam por compartilhar a opinião que têm.

Quem procura entender o que pensam os eleitores fica com outra impressão. Nas pesquisas, toda vez que se pergunta às pessoas que critérios usam para escolher um candidato, aparecem muitos, mas, só de vez em quando, a resposta é "os políticos que o apoiam". Estar ou não acompanhado por "lideranças" é, para a grande maioria dos eleitores, algo secundário.

Seria mesmo extraordinário se o oposto fosse verdade. Se os eleitores, como regra, não confiam e não acreditam nos políticos, por qual razão se impressionariam ao vê-los no palanque de alguém? E será que nasceram



ontem e não sabem que eles mudam de palanque ao sabor das conveniências e da posição dos concorrentes nas pesquisas? Que quem está com o PT hoje pode ter estado com os tucanos ontem? E vice-versa?

Nas cinco eleições presidenciais que fizemos desde a redemocratização, os palanques não tiveram papel apreciável em nenhuma. Quem ganhou, não precisou deles. Em pelo menos um caso, só atrapalharam.

Foi com Collor. Sua subida nas pesquisas nada teve a ver com palanques, sendo muito mais explicada por sua ausência. Os eleitores queriam alguém desvinculado da "política tradicional", atributo

que Collor perdeu quando, em função do favoritismo que alcançou, passou a ser procurado por quase todo o establishment político. Seus integrantes é que queriam subir no palanque do candidato.

Nas duas eleições que disputou, Fernando Henrique não precisou deles. Quem tinha um míssil como o Plano Real podia, aliás, ignorar quase tudo que há de convencional em uma campanha. Ele foi apenas gentil quando subiu em alguns, por ser um homem bem educado e para não frustrar seus correligionários, que davam tudo para sair nas fotos com ele.

E Lula? Seus palanques, em 2002, eram limitados quase

que somente a seus velhos companheiros de PT e dos partidos tradicionalmente aliados, com um ou outro acréscimo. Se dependesse deles, Lula continuaria candidato até hoje, sem nunca ter chegado à Presidência. Em 2006, a reeleição passou longe de qualquer palanque.

Como tudo na vida tem uma primeira vez, pode ser que, finalmente, os palanques desempenhem algum papel nas eleições de 2010. Parece pouco provável, no entanto, se prestarmos atenção na opinião dos eleitores.

Quem quiser comprar gato por lebre e achar que faz um grande negócio montando palanques, apenas joga dinheiro fora.

“ Nas cinco eleições presidenciais que fizemos desde a redemocratização, os palanques não tiveram papel apreciável em nenhuma. Quem ganhou, não precisou deles. Em pelo menos um caso, só atrapalharam